

Os Celtas e os Cultos das Águas: Crenças e Rituais

Filippo Lourenço Olivieri¹

Doutorando História
CEIA, UFF
filippoolivieri@click21.com.br

Resumo

O objetivo deste artigo é estudar a importância dos cultos das águas na Tradição Celta. Rios, fontes, e lagos tinham um relevante lugar na ideologia religiosa dos povos com cultura celta². Os meios aquáticos eram o principal meio de acesso ao Outro Mundo, e os celtas acreditavam que os lagos e poços tinham poderes mágicos e virtudes curativas. Os meios aquáticos também eram associados com as mulheres.

As últimas descobertas têm mostrado que os cultos ligados à água estavam presentes na vida cotidiana das pessoas do antigo mundo celta. Por isso, a relevância de estudos sobre esta temática.

Utilizaremos as contribuições das fontes clássicas, da Arqueologia da Mitologia Céltica. Autores como Mircea Eliade, Georges Dumézil e outros serão importantes nas nossas explicações.

Palavras-chave: Religião celta, cultos das águas, Outro Mundo celta.

Abstract

The aim of this work is to study the importance of the water cults in the Celtic Tradition. The rivers, springs, and lakes had main place in the religious ideology of the people with Celtic Culture. The wet places were the main way to access to the Other World and the Celts believed that lakes, pools and wells had magic power and healing virtues. The wet places are also associated with women.

The ultimate discoveries have shown that the cults linked with water were present in the everyday life of the people in ancient Celtic World. Therefore, the importance of studies on such subject.

We will use the contribution of the Classic writers, of Archaeology and of the Celtic Mythology. Scholars like Mircea Eliade, Georges Dumézil and others will be important for our explanation.

Keywords: Celtic Religion, water cults, Celtic Other World.

Introdução

A água teve um importante lugar nas crenças dos celtas. Um fator relevante pode ser o fato de que os celtas expandiram-se por regiões da Europa de clima temperado mais úmido do que o clima mediterrânico, que propiciou o desenvolvimento das Civilizações Clássicas europeias.

Por todo o território onde povos com língua e cultura célticas podem ser identificados, há indícios do uso de cursos d'água como lagos, nascentes, etc, para fins rituais. Na mitologia céltica, a presença da água também é notável. Acerca disso, vale ressaltar que a etimologia dos nomes de Merlin e Morgana tem elementos ligados ao mar. Possivelmente, a água tivesse uma associação iniciática fortemente associada à mulher.

As fontes clássicas, arqueológicas e mitológicas podem dar relevantes informações sobre esse tipo de culto. A quantidade de objetos e até corpos encontrados nos meios aquáticos leva-nos a crer em uma prática ritual fortemente estabelecida entre os celtas.

Nosso objetivo é abordar o papel dos cultos associados à água no domínio celta. Uma vez que os dados arqueológicos e mesmo algumas referências das fontes clássicas apontam para tais manifestações rituais.

Entretanto, vale ressaltar que os rituais de deposição não se restringem aos meios aquáticos. Esses rituais podiam utilizar, por exemplo, poços ou fossos rituais não necessariamente ligados à presença da água³.

Trata-se de um tema recorrente entre os estudiosos dos celtas. Nossa proposta é poder contribuir para esse estudo, todavia, sem pretender esgotá-lo.

O culto das águas

Marcel Mauss e Henri Hubert (2005: 17) diferenciam a oferenda do sacrifício. Segundo estes autores: no sacrifício, o objeto passa do domínio comum para o domínio religioso.

Vê-se qual é o traço distintivo da consagração no sacrifício: que a coisa consagrada sirva de intermediário entre o sacrificante, ou o objeto que deve receber os efeitos úteis do sacrifício, e a divindade à qual o sacrifício é endereçado. (...) Deve-se chamar 'sacrifício' toda oblação, mesmo vegetal, em que a oferenda, ou uma parte dela, é destruída, embora o costume pareça reservar o termo apenas à designação dos sacrifícios sangrentos. (Mauss, Hubert, 2005: 17-18)

Baseado nesses autores, Richard Bradley diferencia o sacrifício da oferenda⁴:

Sacrifícios – requerem vítimas vivas – o sacrifício muda a natureza das coisas sendo sacrificadas.

Oferendas – requerem objetos inanimados – a oferenda não muda a natureza das coisas sendo oferecidas.

Dessa forma, seres vivos só podem ser sacrificados e objetos inertes só podem ser oferendas. Bradley (1998: 37) também diferencia sacrifícios expiatórios, sacrifícios de agradecimento e sacrifícios de demanda. Contudo, essa classificação é difícil de ser reconhecida pela arqueologia. No caso de objetos em meios aquáticos têm sido encontrados tanto restos de seres vivos, mesmo seres humanos, como de objetos inanimados.

Desde tempos imemoriais os cultos referidos aos meios aquáticos são atestados em todas as tradições. Num estudo realizado sobre o tema, Mircea Eliade (1993: 171) afirma que todas as tradições atribuem um valor sagrado referido às águas. O autor define as águas como fonte e matriz de toda a existência. Sintetizando o antigo texto indiano *Çatapatha Brâhmana*, Eliade diz que: “As águas são os fundamentos do mundo inteiro, são a essência da vegetação, o elixir da imortalidade (...)” (Eliade 1993: 153). Mais adiante, continua:

(...) as águas simbolizam a substância primordial de que nascem todas as formas e para a qual voltam, por regressão ou por cataclismo. Elas foram no princípio, elas voltarão no fim de todo ciclo histórico ou cósmico; elas existiram sempre. Elas asseguram longa vida, força criadora e são o princípio de toda a cura. (...) na cosmogonia, no mito, no ritual, na iconografia, as águas desempenham a mesma função, qualquer que seja a estrutura dos conjuntos culturais no quais se encontram: elas precedem qualquer forma e suportam qualquer criação. (Eliade 1993: 153).

Eliade ressalta que tudo nasce e tudo volta à água, sempre num ato de regeneração. A água tem um forte contexto purificador e regenerativo (Eliade 1993: 158).

A água tem, então, uma forte impressão de poder ligado à origem e à renovação. Ela propicia a vida e ela também pode destruí-la. Um movimento circular é inerente a toda a ideologia que atravessa a relação com a água. A associação com diversos elementos que evocam a fecundação por meio de um elemento aquático é patente: sêmen fecundante, chuva fecundante. A água também é conservadora de vida, como o útero materno que contém um meio aquático. A água, então, fecunda, gesta, gera, alimenta e até mesmo, destrói. A água tanto pode conter seres sedutores como as sereias, bem como destruidores como os monstros marinhos. Ambos levam os homens para as profundezas do mar. Dessa forma, a água é vida e é morte, criação e destruição.

Contudo, o suposto caráter universal do culto às águas deve ser visto com cautela, mas, tal fenômeno poder ser perfeitamente atribuído à religiosidade céltica.

Bernard Sergent (Sergent 1995: 326) destaca a divinização das águas pelos povos indo-europeus. O autor chama a atenção para o fato de existir designações da água como coisa e também da água como coisa animada, sempre ligada ao feminino. O autor (Sergent 1995: 326) ressalta a majoritária quantidade de rios europeus com nomes femininos e o fato das mitologias fazerem alusão às águas femininas e fecundantes.

A crença céltica a respeito das águas.

A importância que os celtas propiciavam aos meios aquáticos é patente. Christian-J. Guyonvarc’h et Françoise Le Roux (1986: 384) afirmam que na tradição celta a água é o elemento fundamental da criação e na qual se processam as transformações de todos os seres vivos. A grande maioria dos nomes célticos de rios é feminina. Sequana (Sena), Garumna (Garona), Garumna, Souconna (Saône), etc. São nomes de rios da Gália e ao mesmo tempo de deusas celtas. As deusas são geralmente associadas a rios. Isso explicaria o fato dos rios franceses⁵, em sua grande maioria, possuírem nomes femininos⁶. Muitos desses rios são identificados com uma deusa. É o caso da deusa gaulesa Sequana, epônima do rio com o mesmo nome e da deusa irlandesa Boann, epônima do rio Boyne (Sterckx 1986: 86)⁷.

Segundo Claude Sterckx (1986: 80), na mitologia céltica, o tema das águas se articula às origens e às virtudes. A idéia das águas e de um oceano primordiais aparece

na teogonia irlandesa na onde as primeiras terras, os primeiro homem e a primeira mulher emergem das águas (Rees and Rees 1975: 114-115). Os personagens arturianos Morgana e Merlin possuem em seus nomes ligações com a água (Delamarre 2001: 149-150)⁸. Segundo Sterckx (1986: 81), as línguas célticas distinguem a concepção de água primordial, neutra e a água viva que produz a circulação do mundo. Dessa forma, o autor afirma que:

Não é à toa que em vários textos antigos de *defixio*⁹ encontrados em Bath, seja nas lendas irlandesas e galesas, representam a morte, o retorno ao Não-Ser, como uma transformação em água. Não é à toa que todas as deusas celtas são sistematicamente identificadas aos rios correntes. O paralelo é perfeito entre microcosmos e a geração humana e o macrocosmo e a vida cósmica. A vida do homem é identificada ao calor vital e pode transmiti-lo através de seu esperma onde reside, segundo eles, uma parte desse calor; a mulher recebe o germe da vida que é o esperma macho e ela se alimenta até a encarnação perfeita dentro dessas águas placentárias. (Sterckx 1986: 81-82).

Encontramos alguns exemplos dessa relação nos relatos mitológicos irlandeses. A associação entre calor/fogo/homem e o frio/água/mulher pode ser percebida em dois relatos praticamente idênticos, nos quais o herói irlandês Cuchulainn está acometido com o furor guerreiro, que por se tratar desse personagem, causava grande temor entre os demais guerreiros. Os relatos são *A Razzia das Vacas de Cooley (Táin Bó Cualngé)* e *Os desafios da infância de Cuchulainn*.

Toda a tropa de mulheres saiu, e elas lhe mostraram (a Cuchulainn) a sua nudez e o seu pudor. (...) Conduzem três cubas de água fria para conter o seu furor, e na primeira cuba o pequeno menino arrebitou as placas e as tiras da cuba como se fosse uma casca de nós em torno dele. Na segunda cuba, a água ferveu toda. A terceira cuba suportou o calor (...). (Guyonvarc'h 1994: 101).

Em *Os desafios da infância de Cuchulainn* (Gantz 1981: 146), encontramos uma passagem idêntica onde o furor guerreiro de Cuchulainn é contido por mulheres com o corpo desnudo. Três cubas de água fria são trazidas, o calor do corpo do herói arrebita a primeira, faz ferver a água da segunda e esquenta a água da terceira.

O caldeirão é um objeto onipresente na mitologia céltica. O seu conteúdo tem propriedades mágicas e vários desses objetos são mágicos como o caldeirão de Dagda ou o Graal. Segundo Jean Markale, o caldeirão céltico tem duas características: “(...) *ele retém a abundância e ele ressuscita*” (Markale 1972: 272). A respeito do Graal, o autor afirma que:

O Graal cristianizado, ele mesmo procura a abundância, pois que os participantes do repasto do Graal recebem nos seus assentos o que eles preferem. Da mesma forma, ele procura a imortalidade, pois que ele ressuscita os mortos lhes propiciando a vida eterna. Mais não é da vida passada que se trata, é a vida futura sobre um outro plano; e o Graal está de acordo com o Caldeirão de Bran¹⁰: aqueles que ressuscitam não têm palavra, eles pertenciam ao Outro Mundo. (Markale 1972: 272).

Miranda Green (2002: 114-115) chama a atenção para o mesmo relato e afirma que esses guerreiros seriam como zumbis e pertenceriam ao mundo dos mortos. No caldeirão de Gundestrup encontramos uma cena que pode bem ser correlata desta do *Mabinogion*. Um cortejo de guerreiros, infantis e cavaleiros que circundam uma árvore, um personagem de grande dimensão mergulha um homem em um caldeirão. Segundo a autora, esta cena pode representar a reencarnação (*reincarnation*) do guerreiro. No caso, o infante retornaria como cavaleiro (Green 2002: 114). Hilda Davidson (1988: 123), por

sua vez, considera que nos contos celtas irlandeses e galeses trata-se de ressurreição (*rebirth*) e não reencarnação.

Sterckx sintetiza as idéias ligadas às águas da seguinte forma:

- 1º Há uma presença de uma potência misteriosa na água,
- 2º Somente os personagens qualificados podem se aproximar e se propiciar,
- 3º Aproximação de um não qualificado provoca a ebulição,
- 4º Que lança até o mar um rio furioso. (Sterckx 1986:87).

Georges Dumézil destaca a importância das águas não apenas para os celtas como para os antigos latinos:

Os homens necessitam muito da água não somente para o seu uso pessoal, a bebida, a libação, etc., mas para a agricultura, com ou sem irrigação artificial. Suas terras têm muitas fontes e rios; o caldeirão de Nechtan¹¹ e o lago Alban¹², com seus rios miraculosos que são formados por ele, são casos típicos. (Dumézil 1995: 1147).

Ainda sobre o deus irlandês Nechtan e sua relação com as águas, diz Dumézil:

Então Nechtan, antigo deus, um dos Tuatha Dé Danann, entre os gênios e fadas do Sid¹³, possuía um poço cujas águas eram carregadas de tal força que quem se aproximasse sem ter tal direito, teria os olhos explodidos (...). (Dumézil 1995: 1099)

Na verdade, todos os povos indo-europeus tiveram cultos ligados às águas, todavia, entre os celtas, tais cultos tiveram maior importância. Os meios aquáticos também podem ser associados ao conhecimento, como no caso do poço do citado Nechtan, que era fonte de conhecimento. Os poços eram fonte de sabedoria na mitologia céltica (Green 1997: 224).

A associação da água com a questão iniciática pode muitas vezes estar associada à presença da mulher. Nos relatos mitológicos, não raro, uma mulher de extrema beleza surge de um meio aquático. Esta conduz um homem ao Outro Mundo e às benesses proporcionadas por tal contato. Aqui, contudo, gostaríamos de citar um exemplo pouco utilizado. Trata-se do *Romance de Melusina*, no qual a protagonista, Melusina, surge de uma nascente (D'Arras 1999: 14-15) proporcionando honrarias e riquezas ao nobre que a desposa. Juntos, eles fundam cidades e enriquecem. Além disso, Melusina mostra ter um notável conhecimento sobre o passado do seu marido, o conde de Forez¹⁴.

A antiga tradição céltica logrou sobreviver nesse conto medieval sobre Melusina¹⁵. Temos, então, a presença da mulher oriunda do Outro Mundo, que propicia ao homem conhecimento para empreender a prosperidade de suas terras. Entretanto, esta mulher sempre mantém uma conexão com o seu mundo de origem, e a natureza não humana de Melusina se revela, pois periodicamente ela tem que mergulhar numa cuba cheia de água. Nesse momento, a parte inferior do seu corpo se transforma em corpo de serpente.

Os dados das fontes clássicas e arqueológicas

Por todo o domínio céltico tem sido encontrados materiais em meios aquáticos. Esses achados evocam de forma inequívoca um hábito que algumas fontes já haviam mencionado. Duas fontes clássicas mencionam lagos sagrados que eram objeto de veneração e os celtas atiravam objetos valiosos. Dessa forma, temos em Estrabão:

Dizem que os tectósagos tinham participado da expedição militar sobre Delfos e que os tesouros que foram encontrados na cidade de Tolosa pelo general romano Cipião eram parte das riquezas do santuário. (...) assim conta Timageno. A versão de Posidônio é mais credível: ele conta que os tesouros encontrados em Tolosa chegam a quinze mil talentos, que só havia ouro e prata bruta depositados em reserva nos santuários e nos lagos sagrados (...). (Estrabão. IV, 1, 13)

O lago sagrado de Tolosa (Toulouse) era um centro de romaria dos povos vizinhos aos tectósagos, sobre o qual havia duas versões. A menos crível para Estrabão seria a de Timageno, que dava o butin de Delfos como a origem dos tesouros. A outra versão, mais digna de crédito, relatada por Posidônio, revela que os tesouros eram metais preciosos em estado bruto que os celtas das redondezas traziam para atirar no lago. Os dados arqueológicos recentes demonstram que os gauleses do sudoeste da Gália e da Aquitânia, em particular produziam grandes quantidades de ouro de suas minas (Brunaux 2000: 122-123). Vale ressaltar que a natureza dessas oferendas atiradas ao lago possuía um caráter extremamente sagrado. Isso se levamos em conta os relatos de alguns autores a cerca da sacralidade de certas oferendas que não deveriam ser tocadas e que ninguém ousava tocá-los. Essas fontes não se referem diretamente a oferendas em meios aquáticos, mas é muito provável que ninguém ousaria pegá-los para si. César (VI, 17) discorre sobre montes onde o butin era colocado e ninguém ousava tocá-lo. Diodoro refere sobre ouro colocado nos santuários que ninguém ousava tocar (Diodoro. V, 27). Já Políbio (V, 78), acerca da batalha de Telamon, em 225 a.C., afirma que os insubres haviam colocado o butin no templo de Minerva e essas oferendas eram tidas como intocáveis. Um relato tardio de Gregório de Tours, no século VI d.C., relata sobre procissões em um lago nos Cevenas, em Gevaudan:

Sobre um monte do território de Javols, chamado Helarius, se encontra um grande lago. Em certas épocas, a multidão de camponeses atira como libações, dentro de um lago, roupas, alimentos, queijos, pães e toda a espécie de coisas muito numerosas para se enumerar. Eles chegam em carroças, com bebidas e alimentos, sacrificam animais e os festejos duram três dias (...). (Gregório De Tours. 2).

O costume era tão forte entre a população local que até 1868 ainda era praticado anualmente (Piggott 1999: 77). Em que pese a mudança do significado dessas práticas ao longo do tempo, o que chama a atenção aqui é o fato de que o costume, que possivelmente perdeu muito do seu caráter original celta, manteve-se o seu caráter associado a um meio aquático.

Inúmeros achados em todas as regiões habitadas pelos celtas revelam a veracidade dessas fontes. Objetos atirados em lagos, rios, fontes e outros cursos d'água costumam ser encontrados. Entre alguns exemplos temos: a fonte termal de Chamaliers (Puy-de-Dôme) e as nascentes do rio Sena (Côte d'Or) ambas tidas como sagradas e com propriedades curativas eram objeto de romaria (Green 2002: 28-29). Em ambas há a incidência de uma grande quantidade de estátuas de madeira que retém. Em La Tène, no lago Neuchatel (Suíça), também há uma grande concentração de objetos votivos como armas, onde uma plataforma de madeira teria sido construída para permitir o lançamento de oferendas no lago. O ponto alto dessa prática teria sido em torno de 100 a.C. (Green 2004: 142). Na Britânia, Llyn Cerrig Bach, em Anglesey, é um importante local em que oferendas foram encontradas e concentram-se no período do século II a.C. ao I d.C. (Green 2004: 142-143). De acordo com Miranda Green (1997: 223-224), os celtas tinham fascinação pela água. A grande quantidade de objetos atirados em cursos de água atesta que as águas tinham um papel crucial no culto dos povos celtas.

Outro tipo de oferenda aos deuses deve ser aqui citada. Trata-se de corpos humanos encontrados em turfeiras¹⁶, mesmo para além do território tradicionalmente habitado pelos celtas. Vários exemplos são encontrados na Dinamarca. Quanto ao território céltico, o exemplo é o chamado Lindow Man. Trata-se de um homem jovem morto presumivelmente no século I d.C. e atirado na turfeira. O homem, que parece ter pertencido ao grupo dirigente local, tem sinais de três tipos de injúrias, como enforcamento, golpe na cabeça e afogamento (Green 2002: 87). Há fortes indícios de que se trataria de um sacrifício humano. A forma como o sacrifício foi executado evoca os três exemplos de sacrifícios humanos citados pelos Scholiastes (Brunaux 2000: 251-252) a partir dos comentários de Lucano¹⁷.

Conclusão.

Para os celtas a água era o elemento de acesso por excelência para o Outro Mundo. Por onde a cultura celta se espalhou, os meios aquáticos passaram a ter um lugar importante na dinâmica cultural.

A forte ligação entre os meios aquáticos e a mulheres dá a conotação de que a água é incontestavelmente um meio associado às origens do mundo. O fato dos rios franceses terem nomes femininos evoca essa antiga ligação entre a água e a mulher. Como no caso de Melusina, a ligação da mulher com os mistérios do Outro Mundo permite que tal conhecimento seja transformado em abundância e prosperidade.

Os meios aquáticos eram condutores até o mundo invisível, o Outro Mundo, que na verdade está interligado ao mundo “real”. O fato de serem encontradas grande número de oferendas em lagos indica a preocupação dos celtas em atingir este Outro Mundo.

A ideologia religiosa que envolvia tais rituais em muito nos escapa. Contudo, o conhecido episódio no qual o rei Arthur recebe a espada mágica Excalibur das mãos da Dama do Lago, Viviane, é revelador. Esta emerge com a espada dentro de um lago. Dessa forma, percebemos que a conexão entre este mundo e o Outro Mundo celta passa basicamente pela água. A espada foi forjada no Outro Mundo e a ele deve retornar. O costume de lançar objetos nos meios aquáticos teria a finalidade de atingir o Outro Mundo, devolvendo os objetos na forma de sacrifícios ou oferendas.

Não devemos esquecer que para os antigos celtas o Outro Mundo e este mundo se entrelaçam.

BIBLIOGRAFIA

Fontes primárias:

- CAESAR. *The Gallic War*. Cambridge: Harvard University Press. Loeb Classical Library, (Tran. H. J. Edwards), 2004.
- D'ARRAS, Jean. *Romance de Melusina ou A História dos Lusignan*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DIODORUS SICULUS. *Library of History*. Cambridge: Harvard University Press, (tran. C. H. Oldfather) (Books IV. 59-VIII), 2000.
- GANTZ, Jeffrey (tran.). *The Boyhood Deeds of Cú Chulaind*. London: Ed. Penguin Books, Penguin Classics, 1981.

- GREGÓIRE DE TOURS. Livro da glória da confissão. *La civilisation mérovingienne*. Paris: Picard, 1959, (Trad.). Edouard Salin. Disponível em: <http://www.arbre-celtique.com/approfondissements/druidisme/inventaire-txt/rites-divers.php>
Acessado em 23/08/2003.
- GUYONVARCH, Christian-J. (trad.) *La Razzia des vaches de Cooley*. Paris: Gallimard, L'aube des peuples, 1994.
- POLYBE. *Histoires*. Paris: Les Belles Lettres, 1970, (Trad.). Paul Pédech. Disponível em: <http://www.arbre-celtique.com/approfondissements/divinites/inventaire-texts/minerve.php> Acessado em 11/12/2006.
- STRABON. *Géographie*. Paris: Les Belles Lettres, (trad. F. Lasserre), Livres III et IV, 2003.

Obras de referência:

- DELAMARRE, Xavier. *Dictionnaire de la Langue Gauloise*. Paris: ed. Errance, 2001.
- GREEN, Miranda. *Dictionary of Myth and Legend*. London: Thames and Hudson, 1997.
- MARKALE, Jean. *Nouveau Dictionnaire de Mythologie Celtique*. Paris: Editions Pygmalion/Géhard Watelet, 1999.

Obras gerais e teóricas:

- BRADLEY, Richard. *The Passage of Arms. An archaeological analysis o prehistoric hoard and votive deposits*. Oxford: Oxbow Books, 1998.
- BRAKILIEN, Yann. *La mythologie celtique*. Paris: Ed. Jean Picollet, 1981.
- BRUNAU, Jean-Louis. *Les religions gauloises. Nouvelles approches sur des rituels celtiques de la Gaule indépendante*. Paris: Errance, 2000.
- DAVIDSON, Hilda. *Myths and Symbols in Pagan Europe. Early Scandinavian and celtic Religion*. Syracuse: Syracuse University Press, 1988.
- DUMÉZIL, Georges. Les puits de Nechtan. Mythe et Épopée III. In: *Mythe et Épopée I. II. III*. Paris: Gallimard, 1995, p. 1093-1110.
- _____. Neptune et les Neptunalia. Mythe et Épopée III. In: *Mythe et Épopée I. II. III*. Paris: Gallimard, 1995, p. 1135-1157.
- DUVAL, Paul-Marie. *Les dieux de la Gaule*. Paris: Payot, 1993.
- ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- GREEN, Miranda. *Dying for the Gods. Human Sacrifice in Iron Age & Roman Europe*. Gloucestershire: Tempus, 2002.
- _____. *The gods of the Celts*. Gloucestershire: Sutton Publishing, 2004.
- GUYONVARCH, Christian-J. et LE ROUX, Françoise. *Les Druides*. Rennes: Ouest-France, 1986.
- MARKALE, Jean. *La femme celte. Mythe e sociologie*. Paris: Payot, 1972.
- MAUSS, Marcel. e HUBERT, Henri. *Sobre o sacrifício*. São Paulo: Cosacnaify, 2005.
- PIGGOTT, Stuart. *The Druids*. London: Thames and Hudson, 1999.
- REES, Alwyn. and REES, Bridley. *Celtic Heritage. Ancient tradition in Ireland and Wales*. London: Thames and Hudson, 1975.
- SERGEN, Bernard. *Les Indo-Européens. Histoire, langues, mythes*. Paris: Ed Payot et Rivages, 1995.
- STERCKX, Claude. *Elements de Cosmologie Celtique*. Bruxelles: Ed. de l'Université de Bruxelles, 1986.

NOTAS

¹ Doutorando em História/UFF. Pesquisa: “O papel dos druidas na sociedade céltica na Gália nos séculos II e I a.C.”. Orientador: Prof. Dr. Ciro Flamarion Cardoso. O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

² Neste trabalho, povos com cultura celta não representam um termo de ordem étnica. Mas, povos identificados como celtas através de elementos lingüísticos, de cultura material (como a arte, por exemplo), bem como a religião. Dessa forma, os antigos gauleses, os antigos bretões, bem como os irlandeses pré-cristãos são reconhecidos como celtas. Todavia, diferenças culturais regionais devem ser reconhecidas.

³ Ver Brunaux (2000: 114-116), o autor fornece alguns exemplos de deposições em contextos não ligados à água.

⁴ Ver Bradley (1998: 10-14). O autor retoma a diferenciação entre depósitos “rituais” e depósitos não rituais. O primeiro costuma ocorrer em locais afastados das habitações, incluem sacrifícios de animais, traços de festins rituais e libações. Podendo ocorrer em meios aquáticos. O segundo tipo pode ostentar um marco de pedra. Indícios de comida costumam estar ausentes e é comum a ocorrência de ferramentas. Ocorrem em locais secos. Os objetos de metal podem estar quebrados ou avariados.

⁵ Os vocábulos rio, *rivière* e mar, *mer* em francês são femininos. Tal fato possivelmente pode derivar de um substrato lingüístico gaulês.

⁶ De fato, há exceções, ver Duval (1993: 61). Foi encontrada uma inscrição nomeando o rio Reno de *Rhenus pater*.

⁷ Segundo Sterckx, o rio Boyne era o principal rio da Irlanda e também o rio cósmico da mitologia irlandesa.

⁸ Segundo o autor, Morgana vem de Morigena (*moro* = mar e *genos* = nascida ou filha). Segundo Brekilien (1981: 84) Merlin vem de *Moridunum* (*moro* = mar e *dunum* = fortaleza).

⁹ Placas de chumbo atiradas em fontes com pedidos às divindades. Era um costume mediterrâneo.

¹⁰ Jean Markale se refere a um relato do *Quarto Ramo do Mabinogion*, no qual os guerreiros mortos em combate eram mergulhados em um caldeirão mágico e seus corpos cozidos por toda a noite. Os guerreiros ressuscitavam, porém não falavam.

¹¹ Nechtan era uma divindade aquática irlandesa, esposo de Boann (deusa tutelar do rio Boyne, Irlanda) – ver Green (1997: 158-159). Nechtan possuía um poço sagrado, que era fonte de conhecimento.

¹² Lago sagrado próximo de Roma, associado à antiga história desta cidade.

¹³ *Sid* é o Outro Mundo para onde foram os Tuatha Dé Danann após serem derrotados.

¹⁴ Região do centro da França.

¹⁵ Utilizamos este conto medieval por acreditar que ele contém elementos das antigas crenças celtas, ainda que atravessado pela ideologia cristã. Ver o prefácio de Jacques Le Goff na edição brasileira de *Romance de Melusina*. O autor afirma que esse conto é datado do século XIV e remonta ao antigo fundo céltico pagão (ver Markale 1999: 175). O autor considera Melusina como correspondendo a uma antiga deusa celta.

¹⁶ Pântanos com um nível de oxigênio extremamente reduzido. A rara proliferação de bactérias permite que o material orgânico depositado na água leve um enorme tempo para se decompor.

¹⁷ Scolies Bernensis. Notas na *Farsália*. I, 445, Teutates Mercúrio: um homem é afogado; I, 445-446 Esus Marte, um homem é enforcado e seus membros arrancados; I, 446 Taranis Dis Pater, um Homem é cremado em um cesto de madeira.